

DE LINGUA LATINA

I ORIGENS DA LÍNGUA LATINA

1. O Latim pertence à grande família das línguas indo-européias. A maior parte das línguas hoje faladas na Europa e nas Américas, assim como no Irã e na Índia, apresentam uma série de analogias surpreendentes no plano lexical e gramatical que se explicam por uma origem comum, isto é, se originam de uma única e mesma língua, falada numa época muito antiga, que se chama convencionalmente o *indo-europeu*. Por exemplo, o nome do número **dois**:

latim *duo* francês
deux italiano
due espanhol
dos português
dois

grego *dyo* inglês
two alemão *zwei*
russo *dva*
sânscrito *dvau*
persa antigo
duva persa
moderno *do*

2. O indo-europeu apresentava uma série de características que se encontram em geral nas línguas derivadas, e que se opõem aos outros grupos lingüísticos, como o semítico (árabe, hebreu, aramaico, etc.), o chinês, etc. Suas principais características:
 - papel importante do sistema flexional (conjugação dos verbos, declinação em oito casos dos nomes e dos adjetivos,...);
 - as desinências se encontram sempre no fim da palavra, nunca no início;
 - elas exercem muitas vezes várias funções simultaneamente (p.ex., em português, **-mos** em estudamos indica a pessoa e o número);
 - o verbo muda de forma em função de seu sujeito, jamais em função de seus complementos;
 - os nomes têm um gênero; a oposição fundamental é entre o gênero animado (posteriormente separado entre masculino e feminino) e o gênero inanimado ou neutro;
 - a ordem das palavras tem pouca importância gramatical.
3. Todos estes traços não subsistiram tais quais em todas as línguas indo-européias, mas a presença da maioria dentre eles num estado antigo de uma língua permite ligá-la ao grupo indo-europeu. Estes traços estão fortemente presentes em latim.
4. Não tendo permanecido da língua européia nenhum documento escrito, o indo-europeu hoje não mais existe como língua.
5. Até hoje não se pode determinar a sede do povo indo-europeu. O certo é que eram nômades. Levados por seu espírito aventureiro e impelidos pela falta de lugar devido a numerosa população, dispersaram-se em busca de novas terras.

6. Pelo ano 2000 a.C. um ramo do povo indo-europeu penetrou na Itália e fundiu-se com os povos que a habitavam. Originaram-se daí dois grupos de línguas: o *latino-falisco* (o latim e o falisco (muito semelhante ao latim)) e o *óscio-úmbrico* (óscio, úmbrico, sabélico, sabínico, volsco, etc.).
7. Sobretudo a língua dos etruscos (povo de origem asiática, e de língua não pertencente à família indo-européia) e a dos gregos exerceu grande influência sobre a formação dos diversos dialetos indo-europeus na Itália. Mais tarde, com a invasão dos celtas na região do Pó, novas influências atuarão sobre a evolução lingüística.
8. Quando Roma assumiu a hegemonia tanto social como política, o dialeto romano (o latim) conseguiu alcançar a importância de língua mundial. O latim é então a língua veicular da parte ocidental; o grego, da oriental.
9. À extraordinária expansão política e militar está ligado o desenvolvimento de uma cultura brilhante, inicialmente simples variedade local do helenismo, depois, pouco a pouco, sempre mais original. Esta cultura greco-romana, junto com o cristianismo, é a base do que se convencionou chamar a *civilização ocidental*.
10. Estudar a língua latina não é um fim em si mesmo. O estudo lingüístico está intrinsecamente atado ao histórico-cultural. O objetivo é aprender a se servir de um instrumento que permite compreender *textos* de uma importância maior para a história de nossa civilização: por causa de sua qualidade intrínseca, e porque todos aqueles que os seguiram os imitam, os citam, os comentam e se inspiram sem cessar; é re-ver o passado, reavaliando o presente.

II A ROMANIZAÇÃO

11. O Estado romano teve origem no século VIII ou IX a.C. (a tradição fixa em 753 a.C. a fundação de Roma), e engrandeceu -se progressivamente até constituir, em sua fase de maior esplendor, no primeiro século de nossa era, um dos mais vastos impérios de todos os tempos.
12. A história romana se divide em três fases, correspondentes às três formas de governo: da *Realeza* (das origens a 509 a.C.), da *República* (de 509 a.C. a 27 a.C.) e do *Império* (de 27 a.C. a 476 d.C.).
13. Com os povos submetidos, os romanos adotaram geralmente uma política bastante aberta para a época. Impunham o *direito romano* e exploravam economicamente a região, mas respeitavam as tradições religiosas dos vencidos, e permitiam que estes continuassem a utilizar a sua língua materna, ao menos nos contatos entre si.
14. As línguas com que o latim entrou em contato por efeito das conquistas pertenciam a diferentes famílias lingüísticas, e eram bastante diferentes entre si.
15. O latim não suplantou as línguas indígenas em todo o território do Império. A fala dos vencedores conviveu por décadas e mesmo por séculos com as locais, sendo o bilingüismo a situação típica depois da conquista.
16. O latim, contudo, presente nas regiões submetidas numa variedade popular (o latim falado do exército, dos comerciantes e, em certos casos, dos veteranos assentados como colonos), e numa variedade erudita (a variedade dos magistrados, da jurisdição e, até onde esta existia, da escola) ia-se impondo como a língua que

- exprimiam uma cultura mais avançada e que abria melhores perspectivas de negócios e ascensão política e social.
17. No século III, a absorção pelo latim das línguas indígenas da porção ocidental do Império Romano era fato consumado, e essa unidade lingüística representava para os povos latinizados o traço mais evidente de uma forte unidade espiritual. Para denominar essa unidade lingüística e cultural, emprega-se o termo *Romania*.
 18. *Romania* deriva de *romanus*, e este foi o termo a que naturalmente recorreram os povos latinizados, para distinguir-se das culturas bárbaras circundantes.
 19. Sobre *romanus* formou-se o advérbio *romanice*, "à maneira romana", "segundo o costume romano", e a expressão *romanice loqui* se fixou para indicar as falas vulgares de origem latina, em oposição a *barbarice loqui*, que indicava as línguas não românicas dos bárbaros, e a *latine loqui* que se aplicava ao latim culto da escola. Do advérbio *romanice*, derivou o substantivo *romance*, que na origem se aplicava a qualquer composição escrita em uma das línguas vulgares.
 20. Pelo termo România designa-se modernamente a área ocupada por línguas de origem latina. Os limites da atual România não coincidem com o Império Romano.
As razões por que o latim não conseguiu manter-se como língua falada em todo o Império são várias:
 - a) Romanização superficial;
 - b) Superioridade cultural dos vencidos;
 - c) Superposição maciça de populações não-romanas.

III

O LATIM VULGAR

21. Todas as línguas vivas apresentam naturalmente uma variação vertical (correspondente à estratificação da sociedade em classes), e horizontal (correspondente a diferenças geográficas); além disso, os falantes expressam-se de maneiras diferentes conforme o grau de formalidade da situação da fala. O latim não poderia escapar a essa regra.
22. Um aspecto da diversificação da sociedade romana é o aparecimento da literatura latina; durante muito tempo, os autores latinos procuraram pautar seus escritos pelo ideal da *urbanitas*, evitando formas ou expressões que conotassem arcaísmo ou provincianismo. Essa variedade do latim é conhecida como *latim clássico*. O latim clássico, porém, é apenas uma das variedades do latim, ligada à criação de uma literatura aristocrática e artificial, que teve seu apogeu no final da República e início do Império. Outra era a língua efetivamente falada no mesmo período.
23. As línguas românicas não derivam do latim clássico, mas das variedades populares. A semelhança entre as línguas românicas deixa entrever que na antiga România, nos primeiros séculos, deve ter sido falada uma língua latina relativamente uniforme. A essa variedade, que aparece assim como um "proto-romance", isto é, como um ponto de partida da formação das línguas românicas, Diez chamou de *latim vulgar*, termo com que visava a opô-la ao latim literário.
24. O proto-romance foi uma língua vulgar no sentido de língua popular, expressão de camadas sociais que não tiveram acesso à cultura formal e escrita.

- **A posição do acento** da palavra era determinada em latim culto pela quantidade da penúltima sílaba: as palavras do latim clássico são paroxítonas quando a penúltima sílaba é longa e proparoxítonas quando a penúltima sílaba é breve.
 - **O acento de intensidade** do latim vulgar recai normalmente na mesma sílaba que era portadora do acento tonal do latim culto.
 - **Posição átona e posição tônica** - com o desenvolvimento de intensidade modifica-se a qualidade tônica ou átona das próprias vogais: os fonemas vocálicos reduzem-se; há uma tendência de as vogais átonas caírem ou contraírem-se.
 - **As métricas românicas: tonicidade e rima** - com a perda da quantidade vocálica, desaparece obviamente a possibilidade de uma poesia baseada na duração das sílabas, como foi a poesia do latim literário. A métrica românica recorrerá então a uma contagem de sílabas que se faz até a última sílaba tônica, e a uma distribuição estratégica dos acentos tônicos no verso. A rima aparece inicialmente nos cânticos cristãos como um recurso mnemônico.
 - **Os ditongos** - os quatro ditongos do latim clássico (*ae, au, oe, eu*) reduzem-se a uma única vogal no latim vulgar, e novos ditongos aparecem pela queda de consoantes intervocálicas, ou pela vocalização de consoantes.
 - **Os hiatos** - os numerosos hiatos do latim clássico correspondem geralmente a uma única vogal em latim vulgar.
 - **As consoantes** - o sistema consonantal do latim clássico compunha-se de 17 consoantes, incluídas as duas semivogais *j* e *w* e a aspirada *h*. A partir desse sistema consonantal o latim vulgar introduz com o tempo alterações que resultam num sistema que explora mais amplamente o trecho anterior da cavidade bucal, renunciando a grande variedade de consoantes anteriores que entrarão em contraste fonológico nas línguas românicas. (Cf. cap. 6 in *Linguística Românica*. Vide bibliografia)
 - * As expressões "período latino" e "período românico" referem-se, respectivamente, até o final do Império, quando a România ainda se conservava unida, e a partir da queda do Império Romano, no século V d.C., com o conseqüente desmembramento da România numa série de domínios lingüísticos mais ou menos estanques.
32. Características morfológicas do latim vulgar -
- **A morfologia dos nomes** - uma característica notável do latim clássico era a riqueza de sua morfologia nominal, caracterizada pela presença de declinações, pela existência de três gêneros gramaticais (masculino, feminino e neutro) e pela formação de comparativos e superlativos sintéticos para os adjetivos.
 - **A perda das declinações** - as declinações são cinco paradigmas de desinências nominais relativas às funções sintáticas dos nomes na oração. O que distinguia as cinco declinações presentes no latim clássico era a vogal final do tema.
 - * Em cada um desses paradigmas, os substantivos e os adjetivos latinos dispunham de terminações chamadas "casos", especialmente apropriadas para indicar a função que desempenhavam na frase. Os casos do latim clássico eram seis:
 - a) o nominativo, que identificava o sujeito das orações com verbo em forma finita;
 - b) o genitivo, caso do nome dependente de outro nome;
 - c) o dativo, que identificava o objeto indireto, ou mais exatamente o indivíduo beneficiado (prejudicado) pela ação descrita no predicado;
 - d) o acusativo, caso do objeto direto, do lugar tomado como ponto final de um movimento e do tempo encarado como duração;
 - e) o vocativo: e

- f) o ablativo, caso da maioria dos adjuntos adverbiais (meio, causa, instrumento etc.), do lugar em que se desenrola uma ação, e do lugar de onde parte um movimento.
- * Graças ao recurso dos casos, era possível marcar as principais funções sintáticas na frase latina sem recorrer à ordem das palavras e sem lançar mão de preposições.
 - * O latim vulgar simplificou radicalmente tais traços morfológicos:
 - Praticamente desapareceram a 4a. e 5a. declinações, cujos vocábulos foram incorporados às três primeiras.
 - **Perderam-se as oposições casuais**; confundiram-se certos casos: o nominativo com o vocativo; o acusativo com o ablativo; o genitivo com o dativo. Como resultado dessas três fusões, o latim vulgar utilizou um sistema de casos em que se opunham o nominativo, o acusativo e um terceiro caso composto por aquilo que restava dos antigos genitivo e dativo.
 - **Reinterpretação dos paradigmas de declinação como expressão do gênero**-tendeu-se para interpretar como femininos os substantivos da 1a. declinação, e como masculinos, os da 2a. Os substantivos da 3a. declinação passaram a femininos ou masculinos.
 - **Desaparecimento do neutro** - os substantivos neutros acabaram geralmente absorvidos pelos masculinos da mesma declinação.
 - **O grau dos adjetivos** - abandono dos processos de formação sintéticos (*altus, altior, altissimus*) e substituição por perífrases com *magis* ou *plus* para o comparativo e *multum* para o superlativo.
 - **Os pronomes** - criação de um pronome de terceira pessoa com base no demonstrativo *ille*. A declinação dessa classe de palavras compõe-se de nominativo, dativo e acusativo.
 - * Dos pronomes relativos, a língua vulgar conservou o principal, *qui*, que identificou-se com o interrogativo *quis*.
 - * A partir dos demonstrativos, desenvolve-se a classe dos artigos definidos, que era desconhecida do latim clássico.
 - **A morfologia do verbo** - em confronto com o latim literário, a morfologia verbal do latim vulgar apresenta importantes inovações. As principais são:
 - * As vozes derivadas do tema do perfeito, que indicavam ação acabada em latim literário, foram reinterpretadas como indicando passado;
 - * Alguns verbos mudaram de conjugação; algumas dessas mudanças prevaleceram apenas em determinadas regiões da Romênia;
 - * Com exceção da primeira, as conjugações tradicionais chegaram a uma espécie de petrificação, deixando de formar-se nelas verbos novos; essa situação foi parcialmente compensada pela criação de uma nova conjugação, baseada na forma de um conjunto de verbos que em latim literário tinham sentido incoativo. Muitos verbos foram criados por meio de sufixos. Os sufixos *-esco* e *-isco*, que formavam verbos incoativos a partir de nome (tipo *tabesco*, "ficar podre" a partir de *tabes*, "podridão"), forneceram o paradigma para a criação de um contingente extremamente numeroso de verbos novos.
 - * Perdeu-se a passiva sintética, compensada por uma passiva analítica baseada principalmente no verbo *sum*;
 - * Desapareceram os verbos depoentes, assimilados aos ativos da mesma conjugação;
 - * Desapareceram vários tempos do indicativo, subjuntivo e imperativo, e várias formas nominais.

- * O latim vulgar teve um quadro de tempos relativamente limitado:
 - a) dos seis tempos que compunham o indicativo em latim clássico, apenas o presente, o imperfeito e o perfeito sobreviveram em todas as línguas românicas. Do futuro restam apenas alguns vestígios insignificantes, porque o futuro sintético foi suplantado por perífrases baseadas em *habeo* ou *volo* (expressando compromisso, obrigação, e variando em pessoa e número) + o infinitivo. Desapareceu também o futuro perfeito e o mais-que-perfeito (excetuando a Ibéria).
 - b) dos tempos do subjuntivo, conservou-se o presente e desapareceu o perfeito; o imperfeito e o mais-que-perfeito se confundiram; prevaleceu por toda parte, excetuando a Sardenha, a forma do mais-que-perfeito (se eu *soubesse*).
 - c) no imperativo, as formas do futuro eram de pouco uso mesmo na língua literária, e a língua vulgar não as conheceu.

Reinterpretação dos tempos do *perfectum*. A distinção entre *infectum* e *perfectum*, no latim clássico, apontava para uma oposição aspectual e não temporal, como no latim vulgar. A perda da distinção de aspecto ajuda a explicar porque certas formas se tornaram dispensáveis, como por ex., o subjuntivo imperfeito e mais-que-perfeito.
 - * Regionalmente, verbos importantes como *esse*, *ire* e outros perderam algumas de suas formas tornando-se defectivos; as formas faltantes foram buscadas às vezes em outros verbos de sentido próximo, por um recurso que é conhecido em morfologia como "supletividade".
 - **As palavras invariáveis** - na classe dos advérbios, o latim vulgar perdeu os recursos morfológicos que permitiam formar advérbios de modo a partir de adjetivos.
33. Características sintáticas do latim vulgar -
- **os adjetivos** - o latim literário indicava a matéria de que um objeto é feito por meio de dois recursos: *vas aureum*; *vas ex auro*. Prevaleceu a construção preposicional, com a preposição *de*: *vasum de auro*.
 - * A substantivação de adjetivos no neutro plural era uma peculiaridade marcante do latim literário, e perdeu-se no vulgar, também pela tendência de reinterpretar os neutros plurais como femininos singulares: *per angusta ad augusta*; *per aspera ad astra*; *omnia bona mea mecum porto*.
 - **pronomes pessoais** - o uso não enfático do sujeito pronominal em latim vulgar evoluiu para duas situações distintas: o pronome é hoje obrigatório em algumas línguas românicas (francês), ao passo que é normalmente omitido em outras (português).
 - * O vulgar expressa o pronome objeto, enquanto que o literário deixava que fosse inferido pelo contexto ("assim que viu o pai, abraçou(-o)").
 - * O reflexivo **se** assume algumas funções totalmente desconhecidas na sintaxe clássica:
 - a) realçar a espontaneidade da ação expressa pelo verbo: *ir-se*, *s'en aller*.
 - b) partícula apassivadora: "vendem-se casas".
 - c) expressão de reciprocidade. "eles se amam".
 - d) índice de indeterminação do sujeito: "aqui não se vive, vegeta-se".
 - **formas nominais do verbo** -
 - * Enquanto que o supino se perdeu por completo, o infinitivo presente ampliou consideravelmente seu leque de empregos:
 - a) como substantivo verbal ("aumenta *meu sofrer*");

- b) com verbos de movimento, precedido ou não de preposição ("*viemos ver*", "*mandamos chamar*");
 - c) regido de preposição, que o torna apto para o papel de complemento nominal ("*feliz por saber*", "*vontade de fazer*");
 - d) com sujeito próprio ("infinitivo pessoal") ("*depois de eles chegarem*"); e) como imperativo negativo ("*não atravessar*");
 - f) como oração substantiva reduzida, em contextos de interrogação indireta ("*não sei o que dizer*");
 - g) uso com auxiliares de modo, já comum em latim clássico ("*devo dizer*").
- * De toda a declinação do gerúndio só sobreviveu o ablativo, cujas funções coincidem com a língua clássica, indicando o modo e o meio: morreu *lutando*. A partir dessa função desenvolveram-se:
- a) expressando causa, condição, sequência etc. ("*chegando atrasado, não entra*"); são estes empregos, em que o gerúndio equivale a vários tipos de orações subordinadas, que o tornam apto à construção de vários tipos de oração reduzida;
 - b) indicando atitude, funcionando como um verdadeiro adjetivo verbal ("*vi- o bebendo de novo*");
 - c) formando perífrases verbais ("*o teto está rachando*").
- **preposições** - a regência das preposições se alarga para compreender não só advérbio de tempo e lugar (*de hoje em diante, daqui até lá*), mas também locuções cujo primeiro termo já é uma preposição (*dentre eles, para com eles*); são a aglutinação de duas ou mais preposições latinas: *desde < de ex de*.
34. **A sintaxe da oração** - a perda dos casos obrigou a buscar novos meios para indicar as funções sintáticas, tarefa que passou a ser desempenhada pela ordem das palavras e pelo uso de preposições.
- **regência** -
- * Com o desaparecimento do genitivo, o recurso mais importante para indicar subordinação no interior do sintagma nominal passa a ser a preposição *de*, de uso extensíssimo, ligando o nome núcleo do sintagma nominal a:
 - a) um adjunto que exprime avaliação (*o pobre do João*); b) um aposto (*cidade de Roma*);
 - c) um complemento partitivo (*alguns de nós*);
 - d) um restritivo (*a festa de ontem*);
 - e) um adjunto que exprime qualidade (*homem de 90 quilos*); f) um adjunto de matéria (*vaso de ouro*);
 - g) um adjunto de destinação (*roupa de gala*);
 - h) ao termo que representa no sintagma nominal o sujeito ou o objeto de uma oração subjacente que foi nominalizada (*ataque/medo/derrota dos inimigos*).
 - * Os principais complementos de adjetivos são o complemento do comparativo, do superlativo, e de medida. O primeiro foi expresso por *quomodo*, no caso de comparação de igualdade (*grande como um gigante*), por *quam* ou *de* no caso de desigualdade (*maior que um gigante, mais de cinco*); os dois últimos, pela preposição *de* (*maior de todos, uma árvore de três metros*).
 - * No tocante aos termos essenciais e integrantes da oração, o sujeito e o objeto continuaram a ser expressos pelo nominativo e acusativo, mas suas posições na oração tenderam a cristalizar-se antes e depois do verbo. O objeto indireto passou a ser indicado pela preposição *ad*. Os verbos que se construíam com duplo acusativo tendem a transformar-se em transitivos comuns (*ensinar algo a alguém*). *De, de+ab* passam a introduzir o agente da passiva.

- * No domínio dos adjuntos adverbiais, as preposições *cum*, *de* e outras concorreram paralelamente:
 - a) *cum*, que introduzia originalmente o adjunto de companhia, passou a indicar também:
 - o meio (*mover com uma alavanca*), em concorrência com *ad* (*matar à faca*) e *de* (*matar de pauladas*);
 - o modo (*observar com cuidado*), em concorrência com *de*;
 - b) *de*, herdeira de muitos empregos do genitivo e do ablativo, fixou-se também na construção dos complementos de:
 - tempo, em concorrência com *ad* (*de manhã, à noite*); - procedência (*partir de Lisboa*);
 - modo (*responder de bom grado*);
 - causa (*morrer de medo*); etc.
 - c) *in* e *ad* repartiram-se a expressão das circunstâncias de lugar;
 - d) *per* alternou com a ausência de preposição para indicar a duração (*ficar quatro anos/ por quatro anos nesta cidade*).
- 35. **A sintaxe do período** - a subordinação no latim vulgar tem um papel muito menos importante que no clássico: contenta-se em justapor (parataxe) expressões entre as quais o latim clássico explicitaria nexos de dependência (hipotaxe).
 - **orações substantivas** - pertencem à classe das substantivas os dois tipos oracionais em que o latim vulgar mais se afasta do uso do latim clássico, a saber as substantivas declarativas e as substantivas interrogativas indiretas.
 - * As orações subordinadas exigidas pelos verbos que indicavam ações de dizer, pensar, perceber e sentir eram construídas em latim literário como "orações de acusativo e infinito", assindéticas (sem conectivos), foram suplantadas, no vulgar, por construções sindéticas com o conectivo *quod* (ou *quia*, *quid*) (*eu sei que tudo isso é mentira*).
 - * As orações interrogativas constituíam em latim clássico um tipo bem caracterizado, seu verbo ia para o subjuntivo e o nexos com a oração regente era expresso por uma série de conjunções e pronomes usados apenas em contextos interrogativos. O vulgar substituiu o subjuntivo pelo indicativo e os conectivos perderam a especificidade.
 - **orações adjetivas** - a perda quase total da declinação dos pronomes relativos fez com que aparecesse o tipo de construção que é hoje o mais comum no português falado do Brasil, e que consiste em retomar o relativo por meio de um pronome pessoal, antepondo a ele e não ao relativo, a preposição exigida pelo verbo da subordinada: *o menino que falei com ele*.
 - **orações adverbiais** - duas tendências se afirmam nas orações adverbiais do latim vulgar:
 - a) perde terreno o subjuntivo, que funcionava em latim clássico como uma espécie de modo da subordinação;
 - b) generaliza-se o uso de *quod/quid* como conectivo de valor múltiplo em substituição aos conectivos específicos da língua clássica.
 - * De todos os tipos de subordinada adverbial, as que sofreram as alterações mais profundas foram as condicionais.
- 36. **O léxico em latim vulgar** - o léxico latino vulgar pode ser descrito em duas partes:
 - a) processos mais produtivos para a formação de palavras novas, sob um caráter marcadamente morfológico, pela discussão das noções de composição e derivação;

- b) mudanças de sentido, sob um caráter marcadamente semântico.
37. **Processos de formação de palavras** - distinguem-se tradicionalmente dois grandes processos:
- a) a composição, que compreende por sua vez a composição propriamente dita ou justaposição (*res + publica = república*) e a prefixação (*sub + mittere = someter*); b) a derivação, que pode ser própria, isto é, baseada no uso de sufixos (*quercus + ea > quercia*), ou imprópria, isto é, baseada na transferência de uma palavra de uma classe morfosintática a outra (*katá*, preposição grega, dando pronome indefinido português *cada*).
38. **Mudança de significado** - entre outras, pode-se destacar cinco ordens de circunstâncias (Ullmann, 1962): lingüísticas, históricas, sociais, psicológicas e de necessidade de um novo termo.
- a) Circunstâncias lingüísticas - uma palavra pode mudar de significado por razões estruturais/contextuais; uma palavra pode deixar de pertencer ao léxico comum e passar a fazer parte dos recursos gramaticais da língua.
Non uidi rem natam (Não vi coisa nascida/criada) > *não vi nada; não quero nada; não disse nada...*
- b) Circunstâncias históricas -
Monere (admoestar, dar conselhos) > *moeda, moneda, monnaie, moneta*. O nexos entre os dois significados: os romanos veneravam a deusa Juno como boa conselheira e mãe das musas; nesse mesmo templo funcionava também a prensa em que se cunhavam as moedas romanas.
- c) Circunstâncias sociais - uma palavra pode ter sua significação alterada (por especificação ou generalização) ao passar do uso de um grupo fechado para o domínio comum ou vice-versa.
Sancio (proibir) > *sanctus*, e *uir* (varão) > *uirtus* representavam respectivamente a propriedade de ser intocável por razões religiosas e as prerrogativas de virilidade que se esperam do homem numa sociedade tipicamente machista (força física, habilidade para a guerra, etc). O Cristianismo reinterpreto estas palavras, entre outras, no contexto de seus próprios valores: *uirtus* passou a significar força moral, e *sanctus*, a bem-aventurança extra-terrena e o tipo de conduta terrena necessária para merecê-la. Este tipo de alteração é descrito como um caso de especialização de sentido. Como exemplo de generalização de sentido, pode-se exemplificar com o verbo latino *impedire*, em português *impedir*. Em sua significação primitiva, no verbo latino, estava ainda presente a imagem do pastor que derruba a ovelha segurando-a pelos pés (*pes, pedis*) com o cajado; era um termo de pecuária. Em sua passagem ao vocabulário comum subsistiu apenas a idéia de obstáculo (de qualquer tipo).
- d) Necessidades de denominação - correspondentes ao aparecimento numa cultura de objetos, técnicas ou noções novas. Quando estes são importados de povos vizinhos, é comum que seja simultaneamente adotado o termo que os designava na cultura de origem; quando surgem dentro da própria comunidade lingüística é mais comum criar-se sentidos novos para palavras já existentes. A extensão e a criação metafóricas de sentido correspondem à catacrese - figura de linguagem já conhecida por Aristóteles.
- * Fatores psicológicos como o medo, a delicadeza ou a decência podem criar algum tipo de necessidade de denominação. A existência de palavras tabu explica o uso lingüístico de outras palavras e a ampliação dos sentidos destas por eufemismo; mas no confronto entre o latim clássico e o vulgar o que aparece é frequentemente

o disfemismo, isto é, a busca de expressões que desqualificam a realidade a que se faz referência.

39. **Dimensões da mudança de significado** - as mudanças se dão ao longo de três linhas principais:
- a) metafórica - duas realidades são representadas como similares aplicando-se-lhes o mesmo significante. O vocabulário, aplicado a realidades diferentes na tentativa de compreendê-las, sofre naturalmente ampliações e alterações de significado.
Pecunia, peculium, peculatus < pecus, pecoris.
 - b) metonímica - o significado primitivo e o posterior à mudança se relacionam por algum tipo de contigüidade.
Busto - lugar onde havia incinerado algum cadáver. O hábito de plantar nesses lugares esculturas de meio corpo representando os defuntos ilustres deu origem ao sentido atual.
 - c) especificidade - mesmo quando a reconstituição aproximativa do significado de uma expressão é possível, não é sempre fácil apontar a circunstância aproximativa que atuou como fator determinante.
Cubare (dormir) > ital. *covare* (chocar ovos).
40. **Preferências e diferenças regionais** - algumas diferenças referentes ao vocabulário hoje observadas entre as línguas românicas já deviam estar presentes ao menos como preferências regionais no latim vulgar falado durante o Império.

IV

A FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

41. **Fatores de dialeção do latim vulgar** - no final do primeiro milênio, a România apresentava-se fragmentada numa quantidade de dialetos de origem latina, sendo que alguns deles se transformaram com o tempo em línguas nacionais. Premidos pela necessidade de tornar sua fala mais exata ou mais expressiva, os falantes criam o tempo todo palavras e construções sintáticas novas com os materiais disponíveis em sua própria língua; mudanças fônicas surgem pelas tensões paradigmáticas que ocorrem no interior do sistema e pelas tensões sintagmáticas que ocorrem entre sons contíguos na fala; em menor grau, alterações de todo tipo podem resultar de fatores "externos", isto é, do contato entre línguas diferentes. Vários fatores concorreram para a dialeção românica e o conseqüente aparecimento das línguas neolatinas: o tempo, a política de dominação dos romanos, a vastíssima extensão geográfica do Império e a sua fragmentação política e, principalmente, a ação do substrato e do superstrato.
42. **Substrato** - aos conjuntos dos falares diversos dos povos vencidos e conquistados, cuja língua se infiltrou na do povo vencedor (isto é, o dominador assimila certos traços da língua do conquistado), dá-se o nome de *substrato lingüístico*. A absorção das línguas encontradas pelo latim nas regiões conquistadas se consumou através de situações mais ou menos persistentes de bilingüismo. E as línguas dos povos romanizados se mantiveram determinando tendências à dialeção do latim.
43. **Superstrato** - "nome que se dá à língua de um povo conquistador, quando ele a abandona para adotar a língua do povo vencido. [...] O superstrato persiste no

- léxico da língua adotada, que se enriquece com termos referentes a traços específicos da cultura do povo conquistador". (J.M.Câmara, 1984). Os superstratos exercem influência menos significativa, limitando-se quase que apenas ao vocabulário. Depois da queda do Império, multiplicaram-se na România as invasões de territórios por povos vindos do leste. O Cristianismo era a religião preponderante em toda a România na época das invasões, e muitos dos povos invasores adotaram essa religião, instituições dos povos submetidos e a língua.
44. **Adstrato** - a metáfora do substrato e superstrato evoca de algum modo a imagem de uma separação no tempo (primeiro os substratos, depois o latim, depois os superstratos) que não é lingüísticamente correta. Nestas noções está embutida a noção de adstrato: as camadas não se superpõem, mas se interpenetram. Adstrato é: "toda língua que vigora ao lado de outra, num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos" (J.M.Câmara, 1984). O grego transmitiu um grande número de palavras ao latim vulgar através do Cristianismo, que surgiu num ambiente judaico-helênico. O latim literário prestou grande contribuição à gramática e ao vocabulário dos romances.
45. **Empréstimo** - a expressão *empréstimo lingüístico* indica a transmissão de formas lingüísticas (sobretudo léxicas) entre línguas em contacto. A tendência normal dos empréstimos é serem absorvidos de maneira completa na nova língua depois de uma fase mais ou menos longa em que sua origem estrangeira é sensível para os falantes.
46. Após a queda do Império Romano, vários fatores de peso concorreram para que as influências dos substratos e superstratos agissem com maior força no sentido de modificar localmente o latim falado. Começou assim um processo de diversificação regional do latim vulgar, origem dos dialetos. Alguns desses dialetos transformaram-se em línguas nacionais.
47. **O acesso dos romances à escrita** - por vários séculos os romances foram variedades lingüísticas tipicamente faladas. E por muito tempo as pessoas tiveram a impressão de que o latim literário, chamado às vezes de "gramática", nada mais era do que a versão escolar e correta de sua língua materna, ou seja, o latim literário e os "vulgares" foram vistos por longo tempo como aspectos de uma mesma língua. No fim do primeiro milênio, contudo, o fosso que se havia criado entre ambos já revelava a existência de duas línguas distintas. A redação consciente numa língua autônoma, distinta do latim, revela-se, sobretudo, em dois tipos de textos:
- a) os que foram escritos com o intuito de reproduzir as palavras textuais de alguém;
 - b) os que foram escritos especificamente para comentar um texto latino.
- Em muitos dos primeiros textos românicos apresentam-se três características:
- a) interferência do latim;
 - b) presença de traços "dialetais" (em oposição à posterior definição de *standards* nacionais);
 - c) busca do caráter de *koiné* (os redatores teriam procurado expressar-se numa espécie de língua comum, compreensível para falantes de vários dialetos).
48. **A constituição das línguas nacionais** - hoje, no mundo românico, cabe reconhecer o status de línguas nacionais a seis idiomas: o português, o espanhol, o catalão, o francês, o italiano e o romeno. Uma língua nacional não é apenas um dialeto que desenvolveu uma literatura de valor; também é impróprio defini-la com base apenas em condições políticas ou jurídicas. As razões para considerar um determinado idioma como língua nacional dizem respeito às funções que esse

idioma desempenha na comunidade que o fala: uma língua nacional é um idioma que responde a todas as necessidades de uma sociedade. Essas necessidades variam conforme a época. Na formação das línguas nacionais, o contacto com todas as esferas da atividade humana se reflete primeiramente na fixação de convenções ortográficas.

V HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

49. Após sete séculos de dominação muçulmana na Península Ibérica (711-1492), Granada, o último reduto da resistência moura, foi recuperada em 1492, no reinado dos reis católicos da Espanha, Fernando e Isabel.

No ano de 1085, após a conquista de Toledo, Afonso VI de Castela confiou dois feudos localizados na faixa mais ocidental de seu reino a dois cavaleiros borgonheses que haviam colaborado na luta contra os árabes, junto com a mão de suas duas filhas Tareja e Urraca: a Henrique de Borgonha coube o Condado Portucalense (entre o Minho e o Mondego), e a Raimundo de Borgonha a Galiza (ao norte do Mondego). Com a morte de Henrique de Borgonha, a viúva assume o poder e causa o descontentamento do povo e de seu filho Afonso Henriques, que na Batalha de São Mamede (1128) tomou o poder e se fez proclamar rei. Em 1143, na Convenção de Zamorra, Afonso VII lhe reconhece a realeza. Portugal tornou-se assim reino independente da Galiza, e estendeu-se para o sul anexando as regiões conquistadas. Afonso Henriques e seus sucessores prosseguiram na luta contra os mouros, até que em 1250 Afonso III concluiu a conquista do Algarve, fixando então os atuais limites de Portugal.

50. Até o século XIV a língua falada continuou sendo o galaico-português. Mas o deslocamento para o sul da capital e da Corte determinou a quebra da relativa unidade lingüística galego-portuguesa. Pela influência que o centro político exercia sobre os hábitos lingüísticos, o português culto foi-se amoldando à fala culta da região que se situa entre as cidades de Coimbra e de Lisboa. Esse deslocamento "geográfico" da variedade adotada como norma soma-se aos efeitos de três séculos de evolução, à experiência acumulada na elaboração de uma prosa hagiográfica, doutrinária e histórica, às influências do Humanismo e da Renascença.

Esse novo padrão literário consolidou-se e estabilizou-se no período quinhentista, em particular com as obras "renascentistas" de Luís de Camões, que permaneceram durante séculos como um fator de imobilidade do padrão português culto.

51. Na Renascença dá-se o reencontro com a cultura greco-latina, donde resulta uma incorporação ao vocabulário e à sintaxe das línguas românicas de um número considerável de latinismos. A Renascença, por outro lado, foi também um período de dignificação e valorização das "línguas vulgares": entre as gramáticas, escritas sobre a pauta das gramáticas latinas da época, aparecem as portuguesas de Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1450); entre os tratados que sustentam a superioridade de uma língua românica em face do latim ou de outras línguas contemporâneas encontram-se o *Diálogo em Louvor de Nossa Língua*, do humanista, gramático e historiador português João de Barros (1540), o *Diálogo em*

Defensão da Língua Portuguesa, de Pedro de Magalhães Gândavo (1574), a *Origem da Língua Portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão (1606).

52. No período Barroco, seguinte à Renascença, os países de língua românica sentiram fortemente os efeitos da Contra-Reforma (séc. XVII), o movimento pelo qual a Igreja Católica procurava retornar à antiga austeridade, segundo as diretrizes do Concílio de Trento. Dois fenômenos são sobretudo típicos desse momentos:
- a) o multiplicar-se de academias que se atribuíam a função de sistematizar a língua e de zelar por sua pureza e nobreza;
 - b) o aparecimento de gramáticos e literatos que foram encarados durante algum tempo como autoridades em matéria de lingüística.
53. O estudo da evolução da língua portuguesa pode ser dividido didaticamente em três épocas (entre outros critérios e divisões):
- a) época pré-histórica (das origens até o séc. IX) - é o período da evolução do latim falado na Galiza e na Lusitânia, desde a conquista da Península Ibérica até a formação dos romances, no séc. V. É reduzido o material lingüístico documental dessa época.
 - b) Época proto-histórica (do séc. IX ao séc. XII) - o séc. IX marca o estágio de definição do romance galaico-português como língua corrente, e o séc. XII registra o fato histórico da independência de Portugal.
 - c) época histórica (do séc. XIII em diante) - esta época subdivide-se em duas fases: a arcaica e a moderna, tendo como marco divisório o séc. XVI.
- No séc. XIII aparecem os primeiros textos redigidos numa língua distinta da latina, único instrumento até então, da expressão escrita. Na fase arcaica a língua era, nos séculos XIII e XIV, o galego-português, denominação dada à expressão oral e escrita do romance galego-português. Esta era então a língua exclusiva da poesia lírica em toda a Península Ibérica.
54. A partir do séc. XIV, ainda na fase arcaica, por motivos históricos e sociais, a relativa unidade lingüística galego-portuguesa começa a se cindir, e tal cisão se completa no séc. XVI, quando, no Renascimento, se marca a fixação do português padrão. Quase no limiar da época moderna, o fato literário de maior importância é a publicação de *Os Lusíadas* (1572).